OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1026

30 DE JUNHO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Viagem de S. A. O Principe D. Luiz Filipe ás Colonias

SUA ALTEZA O PRINCIPE D. LUIZ FILIPE
(Cliche Bobone)

Chronica Occidental

Ha males que vêm por bem. Foi assim que, pela prostação em que me poz uma furiosa bronchite, escapei dos commentarios á recepção feita ao sr. João Franco, quando voltou do seu banquete no Porto.

Ha males que vêm por mal, dirá o meu amigo e director Caetano Alberto, que teve de substituir-me á ultima hora.

Mas ainda ha um rabinho por esfolar, e tanto melhor se o sr. Presidente do Conselho não fôr á Regua, porque, então, talvez aquelle diminuitivo não tivesse rasão de ser. Talvez o rabinho se transformasse em cauda de cometa.

— Tenha juizo! disse uma vez na camara o sr. Hintze ao sr. João Franco.

Não foi conselho de inimigo, e, embora um nadinha tarde, diz-se que o sr. João Franco se lembrou d'elle agora.

Gostaria, antes de entrar no assumpto que me faz preguiça, dizer qualquer coisa em que o meu espirito se distrahisse. Poderia fantasiar quaesquer discripções do S. João na Praça da Figueira, onde, aliás, não estive; mas, não sei porquê — será que detesto barulhos — nunca pude encontrar poesia nos festejos dos santos em Lisboa. Acho coisa horrivel apertões, estalos chinezes, cornetas de barro e o fado da chulipa. Salvemos da condemnação uns ranchos de varinas, uns cravos e uns mangericos e tudo o mais é insupportavel.

D'esta vez, não tenho o Tejo a distrahir-me nem me alegra a idéa de logo poder ouvir os rouxinoes cantando nos salgueiros. Não vejo vermelhas velas a deslisarem mansas por detraz dos monchões, levando comsigo meus olhos, nem o vôo das garças os ha de elevar para o céo. Para cumulo de desgraça — vá com a hyperbole — continuo doente, amancebado com uma bronchite velha e teimosa, e, por mais que até nos annuncios dos jornaes a procure, não se me depara a nota alegre com que uma alegria que não tenho tente espalhar por estas columnas abaixo.

O que muito precisava era encontrar em qualquer garrafão de magico, como o estudante de Le Sage, o velho Asmadeu, o Diabo Côxo, que me destelhasse as casas de Lisboa e me deixasse ver alguns bons casos de comedia.

Mas, melhor pensando, não devia talvez ser hoje. D'aqui a uns tempos calharia melhor. De que ha de falar-se hoje ainda, por toda a parte, senão de politica e das desordens, das suspensões dos jornaes e do procedimento das opposições?

Doente em casa, conversando pouco, distraio-me, ás vezes, cotejando as differentes narrações em jornaes de politicas differentes. Já aqui o Diabo Côxo me não servia de muito, que ella é muito mais abundante em factos do que em commentarios. O Diabo de Gil Vicente é que me calhava, porque esse, sim, senhores, esse é que é philosopho a valer e tem graça ás pilhas.

Já com o que se passou no Porto, se lêrmos todos os jornaes, ficamos ás aranhas. Os olhos d'uns não são os olhos dos outros, e, como cada qual vê por seu prisma especial e sempre enganador d'um mesmo facto — que afinal foi o que foi, porque as coisas, como o Fontes dizia, são o que são — lêmos duas discripções completamente oppostas. Onde este escutou uma acclamação estrondosa, o outro apenas ouviu uma assobiadela; o de vermelho viu fechadas todas as lojas da cidade, o de azul e branco contou apenas duas; uns ouviram descargas, lamentam os feridos, viram relampagos de espadas pelos ares e acoxixados muitos chapéos altos que iam a caminho do banquete; declaram outros com a maior solemnidade que são absolutamente falsas as noticias que correram relativas a tumultos no Porto.

Se fosse possivel tomar uma media aos hymnos dos jornaes do governo e ás catilinarias dos jornaes da opposição, talvez se chegasse a um bocadinho de verdade.

Mentirão todos? Não, senhor. Cada qual, até, ás vezes, muito sinceramente, apenas viu o que o desejo lhe pedia, mais uma vez confirmando o dictado latino: «*Facile credimus quod volumus.*»

Já pelo que aconteceu em Lisboa não podemos ter as mesmas duvidas. Podem discutir se as causas, mas os effeitos, muitos que estão nos hospitaes podem contal-os. As balas lá estão marcadas nas paredes e portas envidraçadas do Rocio e suas immediações. No Martinho não havia senão cacos. Pacatas mesas a que se encostavam graves burguezes tomando seu café e quando muito costumadas aos murros dos criticos litterarios, viram-se de repente transformadas em armas homicidas e voarem em estilhaços.

Foi uma noite memoravel n'aquelle Largo do Camões, em frente da estação. O povo que fugia voltava. A municipal dispersava a multidão, e, d'ahi a um instante, ella voltava outra vez. Um garoto encheu um saco de pedras e foi desafiar os soldados.

E os epilepticos começaram a revelar-se e foi a policia, segundo a narração dos jornaes, que d'elles apresentou os mais indiscutiveis exemplos. O que matou o negociante Braga ameaçava com o revolver quem se atrevesse a acudir ao moribundo estorcendo se. A entrada da policia no Lyceu foi uma barbaridade.

No dia seguinte ao da chegada do sr. João Franco, os jornaes adversos ao governo appareceram tarjados de negro; em signal de luto, muitos estabelecimentos de Lisboa fecharam as portas, e outros, entre os quaes os grandes armazens Grandella, cobriram as fachadas com pannos negros. Nas redacções viam-se bandeiras portuguezas a meia haste e crepes nas taboletas.

A outro espectaculo doloroso assistiu Lisboa e foi o da marcha de muitos prezos para os fortes de Caxias e do Alto do Duque, onde teem sido interrogados, havendo bastantes que já foram postos em liberdade.

Sahiu muito ferido na refrega com trez cutiladas na cabeça, o nosso querido amigo, Dr. Alberto Costa, que tem estado em tratamento na enfermaria da Misericordia. Desde Coimbra que é famoso o seu espirito. Não houve anecdota com graça n'estes ultimos tempos que n'ella envolvida não andasse o Pad'Zé, como todos lhe chamavam. Felizmente as melhoras progridem, ainda que as cutiladas lhe fossem atiradas com alma. Mas muito melhor alma tem elle.

Estas ultimas noites foram de relativo socego. Umas correrias apenas atraz d'uns garotos que, espertamente e com muito boas canel'as, salvaram da apprehensão alguns numeros do *Mundo*, que venderam por alto preço.

O mais grave successo, depois da memoravel noite a que já o meu amigo Caetano Alberto se referiu na passada chronica, foi o do Lyceu do Largo de S. Domingos, onde a policia entrou perseguindo uns estudantes que estavam em frente da porta cantando a Marselheza. Os pequenos defenderam-se e bem, atirando sobre a policia bancos, cadeiras, tinteiros, e até um escarrador. O reitor quiz suster os impetos da policia, mas foi desrespeitado bem como os professores Eugenio Pacheco, Pedro Navarro, Acacio Guimarães e Araujo Lima. Queixou-se superiormente o sr. Ruy Telles Palhinha, e o coronel commandante do corpo de policia, sr. Moraes Sarmento, veio pouco depois ao lyceu participar que o chefe, que tal mandára fóra suspenso, e que se ia proceder a um rigoroso inquerito sobre o succedido.

Não fossem pedaços de tragedia em todos estes ultimos acontecimentos, poderiamos, desde os exemplos que vêm do alto, compararmos muito do que se passou a uma verdadeira toirada, em que cada qual tenta, o melhor que pode, dar mostras da sua valentia. Mas o que dá um excellente forcado pode não ser a melhor qualidade a exigir d'aquelles que devem ter pela prudencia o mais entranhado culto.

Ha differentes maneiras de andar bem. Bem andou o sr. José Gabriel na Azambuja saltando para a cernelha do toiro e muito melhor o cocheiro do sr João Franco mettendo com a carruagem pela Calçada do Carmo.

O Princide Sr. D. Luiz, que na Azambuja assistiu á toirada offerecida pelo Club Tauromachico foi muito festejado pelo publico. Bom é ir-se acostumando ás ovações, que lhe não hão de faltar na sua proxima viagem ás nossas colonias. Acompanha o o ministro da marinha. O seu muito valor e seu patriotismo, de que tem dado tão altas provas, collocam-o em posição eminente ao lado do principe.

Leva olhos de ver, e eis uma viagem de cuja utilidade não é licito duvidar. Devem acompanhal-os os mais sinceros votos de todos os bons portuguezes.

João da Camara.

Quando este numero estava prestes a entrar na machina, chega-nos a noticia de ter fallecido o sr. Marquez da Praia e de Monforte, surpreza desagradavel, porque embora o illustre titular viesse de ha muito sofrendo uma terrivel enfermidade, não era de esperar tão subito desenlace.

O Marquez da Praia e de Monforte, Duarte Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Camara, filho do sr. Marquez da Praia e de Monforte, contava apenas 45 annos de edade e era casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Pinto Leite, filha dos srs. Condes dos Olivaes e aparentado com muitas familias da nossa nobreza.

Era bacharel em direito, official-mór da casa real e par do reino por herança de seu avô. Espirito empreendedor e activo lançou-se na exploração das industrias agricolas, na sua propriedade de Loures, onde empregou boa parte da grande fortuna que possuia.

A sua enlutada familia enviamos pesames.

GASALHADO

(Uhland)

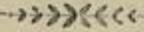
Hospedei-me, não ha muito,
Co'uma deliciosa patrôa;
Na taboleta, uma vara,
Co'uma maçã toda boa.

Foi na Bella Macieira,
Que eu alcancei gasalhado;
O passadio, primoroso:
Optimamente tractado.

Na casinha, bem verdinha,
Centos de hospedes alados,
Saltitando, banqueteando-se,
Trinando meigos trinados.

Bello leito, são repouso,
Em solo verde, macio;
Por cortinado ella propria,
Co'a sombra que me cobriu.

Pergunto, então, pela conta:
Os ramos sacode todos...
Bemdicta sejas, p'ra sempre,
Em flôr, de todos os modos

Alexandre Fontes.

Viagem de S. A. O Principe D. Luiz Filipe ás Colonias

I

Quando ha trinta annos fundámos o Occidente, uma das coisas a que desde logo esta revista mais se dedicou, foi a advogar a causa das Colonias, que seria então, como hoje é, a questão magna para todos os governos, tanto ou mais do que a financeira, que afinal com esta se prende.

Pela gravura, tornando conhecidos os logares mais importantes ou mais bellos daquelle pais; com a pena descrevendo as suas riquezas naturaes, usus, indole e aptidões de seus habitantes, industria e comercio indigenas, o Occidente encetou larga propaganda, em favor das colonias portuguêsas, ás quaes, infelizmente, os governos da metropole não ligavam até então a importancia que mereciam, considerando-as apenas como um encargo para o tesouro, de que sorviam algumas centenas de contos.

O publico, por sua parte, tambem lhe não ligava maior importancia, considerando-as como terras de degradados, e não ia longe o tempo, em que um ou outro armador aventurava até lá seus navios para os carregar de escravos, que ia vender ao Brasil ou ás Antilhas, e quando passava destas viagens a salvo, recolhia a penates com umas duzias de contos de réis.

Em tanto estava estimado o grande patrimonio herança de nossos maiores!

Em 1877-1878 Cameron e Staneley atravessam a Africa e publicam as suas viagens em que não poupam Portugal pela incuria em que encontram as suas colonias, dizendo amargas verdades de mistura com falsidades tambem.

Umas e outras correm mundo e chegam até ao parlamento português, onde alguns deputados levantam a luva e entre elles Pinheiro Chagas o faz, num desses discursos vehementes e patrioticos, que produzio funda impressão na assembleia, como só elle tinha o condão de impressionar com o encanto e brilho da sua palavra inspirada.

Os poderes publicos principiam então a acordar do letargico somno de seculos sobre o nosso imperio colonial, e por aquelles annos se organisa a primeira expedição de obras publicas para a provincia de Angola.

Serpa Pinto, Capello e Ivens, respondem eloquentemente aos exploradores inglêses, com as suas viagens atravez da Africa; em Lisboa Luciano Cordeiro e alguns amigos, funda a Sociedade de Geografia, e assim é criado esse nucleo colonial onde se trabalha com vontade para valorisar o grande imperio quasi despresado.

A imprensa acompanha esse movimento iniciado, e o Occidente, não é dos que menos concorre com a gravura e com a pena, para vulgarisar as viagens dos exploradores portuguêses, dando conta dos trabalhos feitos, alvitrando outros que convinha fazer, interessando, quanto possivel, o publico em favor das colonias.

Ao cabo de trinta annos só temos que nos aplaudir pela insistente propaganda.

Entrou, emfim, Portugal na compreensão da sua missão historica, como lhe impunha os seus dominios coloniaes. Foi providencial aquelle acordar, para que em 1885, vindo a conferencia de Berlim, melhor podesse firmar os seus direitos, como potencia colonial, que cuidava do desenvolvimento e progresso das suas colonias, em face da moderna orientação.

Ali se fez a partilha de Africa, celebrando-se tratados de limites, não se fixando, comtudo, nitidamente todo o nosso dominio em terras de Africa, o que só veiu a determinar-se pela arbitragem de 1905, não sem grandes dificuldades para a nossa diplomacia e até conflitos, de que se conservam amargas recordações.

A situação anormal que veio estabelecendo-se durante o periodo mais agudo daquellas negociações obstou a que se realisasse uma viagem do Principe Real ás colonias portuguêsas, em 1887, como era vontade de El-Rei D. Luiz apoiada por Barros Gomes, então ministro dos estrangeiros e do Ultramar.

Agora, felizmente, os nossos dominios coloniaes em Africa estão perfeitamente definidos e asentes pela fé dos tratados. As armas portuguêsas vão assegurando a integridade desses vastos dominios, redusindo á obediencia uma ou outra rebeldia daquelles povos, como ainda ha pouco nas celebres e gloriosas campanhas de Gaza ou do potentado Gungunhana e Namarraes, na Africa Oriental, e agora o vão fazer, ao Sul de Angola a dominar os rebeldes cuamatas e cuanhamas.

Conselheiro Ayres d'Ornellas e Vasconcellos

Ministro da Marinha e do Ultramar

Assim se vae garantindo a propriedade e o trabalho, a par do desenvolvimento e progresso que nos ultimos annos se tem imprimido, nas obras publicas, dos portos, dos caminhos de ferro, como espanção ao comercio das culturas que vão desbravando aquelles vastos territorios.

Somas importantes se tem despendido, em grande parte de capitaes estrangeiros, especialmente inglêses, mas tempo virá em que os capitaes portuguêses resolutamente concorram tambem, mais confiados e seguros do resultado.

Aqui está em breves linhas a resenha da nossa historia colonial dos ultimos trinta annos, periodo em que se iniciou o movimento que vae adquirindo a velocidade, senão tão rapida quanto necessaria, pelo menos a que é compativel com as forças da nação.

E nestas circumstancias que se julgou o momento asado para levar a efeito a viagem, ha vinte annos projétada, de um principe português ás colonias africanas.

II

Estava reservado a Sua Alteza o Principe D. Luiz Filipe, ser o primeiro principe português, que vae pisar o solo dos grandes dominios de Portugal na Africa, numa viagem circulatoria, principiando por visitar S. Thomé, no equador, seguindo á Africa do Sul, indo até á do Norte, e regressando por Cabo Verde.

O fim desta viagem é altamente simpatico: vae numa missão de paz levar em pessoa o prestigio da realeza aquellas longiquas paragens onde não se ha visto um principe português; vae honrar com a sua presença tantos e tantos filhos da metropole que ali moirejam no trabalho insano para dar riqueza ao seu paiz; vae notificar ao mundo que os compromissos tomados por Portugal na conferencia de Berlim os torna praticamente efétivos, interessando-se e cuidando do desenvolvimento e progresso das suas colonias; vae, emfim, devassar a seus olhos todo esse grande paiz, onde se asteia a bandeira da patria, tão pequenina no continente europeu e tão dilatada nesse novo mundo que vale um imperio.

Como lhe vae sorrir a seu orgulho de português e futuro herdeiro de uma corôa que tão vastos dominios tem!

Como vae lêr, nas plagas ardentes, desse novo mundo exuberante de seiva que circula por todas as arterias da vida da sua gigantea vegetação, das suas minas preciosas, dos seus rios caudalosos, a historia que terá lido nas cronicas e nos roteiros de nossos navegadores.

Como se sentirá transportado a essas épocas gloriosas, em que Portugal estendeu seus dominios desde a America á Africa, desde a Asia á Ocianía e

«Se mais mundo houvera lá chegara.»

como o disse o grande epico.

A sua presença ali animará e levará a confiança aos espiritos num futuro engrandecimento da patria, não pelas conquistas das armas, mas pelas conquistas do trabalho, que dá a felicidade e que nobilita o homem.

Irá inaugurar uma nova epoca de progresso e prosperidades, que resultarão desta viagem, pelo conhecimento proprio das necessidades a que mais urge atender nas colonias portuguêsas.

Principiando pela rica e florescente ilha de S. Thomé, poderá apreciar todo o grande trabalho e esforço que terá sido preciso para, num periodo não superior a trinta annos, ter levado aquelle torrão, perdido no meio do Oceano, ao grau de prosperidade em que se encontra, e conhecerá tambem quanto é mister ainda fazer, para garantir o progresso que é suscetivel de atingir.

A secação de pantanos, que tornam ainda o seu litoral doentio, as vias de comunicação ordinarias, os caminhos de ferro, o alargamento de caes de embarque para a sua grande exportação, a melhor e mais segura garantia da propriedade, são tudo melhoramentos que se impõem, e que Sua Alteza poderá verificar.

Entretanto ha de visitar esplendidas roças que opulentam a agricultura da ilha, e que são centros de riquesa, que diriva para a metropole, transformando-se no oiro, que nos ultimos annos tem atenuado a crise economica e financeira da mãe patria.

Essas colonias, que por tantos annos tem pesado nos orçamentos do Estado, como ainda algumas pesam, vão pouco a pouco compensando os sacrificios, e S. Thomé é já hoje a que mais valioso concurso oferece ao equilibrio da nossa balança comercial.

Vae Sua Alteza acompanhado pelo sr. conselheiro Ayres de Ornellas, ministro da marinha e das colonias, que conhece de viso proprio toda a nossa Africa.

É tambem a primeira vez que um ministro das colonias, no exercicio do seu cargo, visita as possessões portuguêsas, e este facto é de capital importancia para o resultado da viagem do Principe português.

No proximo numero registraremos a partida dos ilustres viajantes e, quer com a pena, quer com a gravura, iremos ilucidando o leitor sobre o pais que vão percorrer.

Caetano Alberto.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO VIII

(Continuado do n.º 1025)

A *Imagem da Virtude* avoluma-se com 66 paginas á conta do irmão-pintor. O leitor que quiser inteirar-se miudamente das tentações que o porco sujo fez áquella alma, abra o livro do padre Franco, a paginas 485, e disponha-se a passar meia hora entretido com as acidentadas peripécias daquella juventude.

As suas pinturas não só lográram celebridade como tambem converteram, tão repassadas foram de misticismo, muita ovelha desgarrada.

Entre as suas télas conta-se uma de S. Francisco d'Assis pintada com tal unção, que a sua simples vista converteu ao bom caminho um macebo esturdio e grande pecador o qual veio a morrer no habito franciscano em cheiro de santidade.

Outro quadro, seu tambem, representando S. Francisco Xavier em traje de peregrino, tem uma historia que não vejo razão de omitir. E' ella a seguinte:

Um padre italiano, de nome Marcello Mastrili, estando doente em Napoles em perigo de morte e implorando a proteção do Santo, este lhe appareceu trajado de burel, cordões á cinta e bordão. Escapo da molestia prometeu a si mesmo o jesuita mandar pintar o Santo, tal como lhe aparecera, e arvorando-o em estandarte, andar com elle peregrinando por alem-mar, convertendo infieis e pregando o catholicismo.

Determinado isto cometeu a empresa da factura da téla aos mais afamados pintores seus compatriotas, mas como uns se negassem a acceitá-la e outros a não fizessem com a perfeição e parecença que elle desejava, pensou em encommenda la a outros artistas estranjeiros com quem lhe sucedeu igual desilusão. Descorçoado já de obter o que desejava, e estando de visita em Portugal ouviu falar da grande e notória pericia de Domingos da Cunha, então já noviço da Companhia. Logo lhe acudiu á ideia o seu teimoso e santo proposito e entrou de tratar com elle a composição da téla, animado não sei de que vaga esperança de ver coroados finalmente de exito os seus desejos. Aceita pelo noviço a incumbencia deu se principio ao painel e tanto elle se compenetrou do pensamento do padre Marcello que a obra saiu perfeitissima e o retrato em tudo similhante á aparição que o jesuita lhe descrevera.

Exultou de prazer mistico o italiano, maravilhado da pintura e do artista e arvorando a em estandarte, conforme prometera, partiu, d'aqui mesmo de Lisboa, para o Oriente, pregando a fé aos infieis e aos descrentes.

Annos depois o padre Mastrili foi martirisado e morto pelos japões. A imagem de S. Francisco Xavier não se perdeu porem.

No seculo XVIII conservava-a ainda em seu poder o governo de Nagasaki. (1)

*

Nos ultimos annos da sua vida pintou tambem Domingos da Cunha o retrato de el-rei D. João 4.º, o qual tinha em muita conta e apreço o enclausurado artista. Ignoro se existirá ainda hoje o quadro que diz a chronica ter ficado excelente. Na Bibliotéca Nacional ha dois retratos seus, um em um dos patamares da escada de ingresso ao segundo andar do edificio e outro no corredor deste pavimento que fica á direita. Será algum delles devido ao pincel do jesuita?

O livro de Barbosa Canaes, sobre os retratos em poder da Bibliotéca nada nos elucida sobre este ponto. (2)

Domingos da Cunha tinha altas proteções. Afóra o monarca, dispensavam-lhe outros magnátes da côrte singular estima e não menos valiosa proteção, como por exemplo o Cardial Inquisidor D. Francisco de Castro, D. Manuel da Cunha, Capelão-mór e o Conde Camareiro-mór.

Só no noviciado — que artista fecundo! — havia cerca de cincoenta quadros seus. Fóra d'elle, em poder de particulares e por capelas e igrejas, decerto haveria muitos.

O Padre Antonio Leite, em uma sua obra (3

(1) Domingos da Cunha, faleceu com 46 annos em 11 de maio de 1644.

(2) Noticia dos retratos e pessoas retratádas existentes em poder da B. Nacional.

(3) Historia da Aparição e Milagre da Lapa.

Viagem de S. A. O Principe D. Luiz Filipe ás Colonias

Uma vista de S. Thomé

Ponte de Embarque do Cacau

Palacio do Governo

Quartel da Policia

Uma colhida de redes

Cubatas na Roça Mesquita

NA ILHA DE S. THOMÉ

(De Fotografias)

fala de um religioso pintor, que fizera vinte e quatro paineis para o templo da Senhora da Lápa. Um delles, principalmente, merece-lhe os mais rasgados elogios. Esta têla representava, diz elle, a pastorinha Joana com um cestinho de maçarocas na mão. Seria Domingos da Cunha o gracioso autor da pastorinha Joana?

Pode muito bem ser que fosse. O livro do Padre Leite é impresso em 1639, já quando elle era noviço da companhia e em plena actividade artistica de assumptos religiosos. Alem disso o mesmo autor diz: «um religioso pintor de grande fama». Não sei de outro artista coévo que lograsse a fama do irmão Domingos. Entretanto tudo isto são simples suposições. Um pequenino nada pode, ás vezes, fazer ruir, n'um apice, o mais bem arquitetado castello de conjecturas.

Domingos da Cunha morreu, em cheiro de santidade, em 11 de maio de 1644, doze annos depois da sua entrada para a Companhia.

*

Em busca de dados biográficos do pintor, enveredei por atálhos que quasi me trouxeram perdido da estrada que seguia. Voltemos a ella.

Um palmar na Ribeira Agua-Izé

Descripto o edificio da casa de provação e o templo, construidos pelo benemerito Lourenço Lombardo, falta falar da cêrca. Merece ella, sem duvida, algumas palavras,

Comprehendia ella uma grande extensão de terreno, uma parte povoado de olivedos e arvores de fruto, outra parte de horta e a maior porção inculta porque a agua não abundava no sitio, chegando até por varias vezes a haver séca completa nos dois unicos poços da propriedade.

A proposito desta sêde de agua referirei o seguinte facto, a que o cronista dá fóros de milagre:

Governava então o noviciado, como reitor, D. Antonio de Mascarenhas e fôra aquelle anno um dos de maior séca. Os irmãos noviços indo a buscar agua ao pôço, que ficava ao fundo da quinta, acharam-no vasio.

Desanimados, voltaram e foram procurar o padre reitor para dar-lhe a triste nova. Este mal os viu, percebeu logo a causa da sua tristeza e disse-lhes antes que elles falassem:

— O que é, não tem o pôço agua?

Responderam afirmativamente os no-

S. THOMÉ — Uma ponte na Roça «Douro» *(De fotografias)*

viços e no meio da sua perturbação disse-lhes D. Antonio, confiado:

— *Vão; façam o signal da cruz, que ella apparecerá.*

Foram. O pôço ainda estava sêco. Olharam uns para os outros, persignaram-se e — ó milagre! — a agua appareceu!

Durante a reitoria de D. Antonio Mascarenhas nunca mais faltou a agua. Tempos de fé! (1).

*

No meio da cêrca — não posso precisar o sitio — havia uma capelinha. Mandára-a ali edificar a infeliz infanta D. Çatharina, depois rainha de Inglaterra.

Silva Tullio, em uma serie de artigos publicados no *Arquivo Pitorêsco*, (2) já menciona a fundação da ermida mas não diz a dáta. Creio, na melhor das hipóteses, que seria depois de ter inviuvado, quando a mal-aventurada rainha sacrificada ás conveniencias politicas, voltou para Portugal a repousar e a esquecer a sua afrontosa realeza.

No remanso da quinta, á fresca sombra dos laranjaes e das oliveiras, ia ella, frequentemente espraiar, no convivio espiritual dos seus moradores, as maguas que lhe laceravam o amantissimo coração.

Um motivo bem futil veio interromper-lhe as visitas á capelinha.

Quando se começaram a estudar as chamadas *letras humanas* no noviciado, desgostou-se a rainha e, dizendo que ellas lhe tiravam o encanto e a espiritualidade do logar, deixou de visitar a cêrca.

A capéla, que os padres conservaram com respeitoso culto, ficou abandonada quando foram expulsos e o Real Colegio dos Nobres foi ocupar o edificio.

Hoje nem vestigios della. Naturalmente arrazaram lhe as paredes, arruinadas talvez pelo desleixo dos seus habitantes, quando se procedeu mais tarde ao ajardinamento dos terrenos da cêrca (3).

*

Costumavam as pessoas reaes, visitar a miude o noviciado da Cotovia, em cuja igreja faziam as suas devoções todos os primeiros dias do anno.

As nossas rainhas dispensaram-lhe até desvelada proteção. D. Maria Francisca Isabel de Saboia foi uma das que mais a protegeu e D. Maria Anna de Austria tinha por ella grande aprêço e não poucas vezes a frequentava.

As gazetas annaes registam metódica e infalivelmente essas visitas, como os jornaes galantes de nossos dias.

Como amostra dou aos leitores o traslado de uma dessas noticias, que oferece o cunho pronunciado da reportagem setecentista.

Diz assim a gazeta de 1717:

«*No primeiro dia de janeiro do anno de 1717, visitou a Rainha Nossa Senhora a casa do noviciado da Companhia de Jesus com as serenissimas infantas D. Maria e D. Francisca e depois de fazerem oração na Igreja, passáram á capella interior do mesmo noviciado, para vêr o presepio dos noviços, onde um delles fez na sua real presença um devoto colloquio ao menino Deus nascido; e depois passou ao cubiculo do reverendo Padre Antonio Stieff, seu confessor, onde lhe tinha sido antecipadamente preparado um aceado pucaro de agua.*»

Que genuino sabôr nacional eu acho neste pucaro de agua!

G. de Matos Sequeira.

A CONDESSA DE VILLAR

Comedia original portuguêsa em 3 actos

POR

Florencio J. L. Sarmento

Pela Livraria Academica, foi publicada ha pouco a comedia cujo titulo encima esta noticia e de que recebemos um exemplar, com uma amavel dedicatoria do autor, o nosso presado amigo sr. Florencio Sarmento, a cujos trabalhos literarios já aqui nos temos referido, e ainda não ha muito, tratando do seu livro *Estudos Praticos de Economia e Administração Commercial e Industrial*.

Por essa ocasião aludimos a algumas das suas produções teatraes, as que conserva ineditas e as representadas com aplauso do publico, em que mencionámos o seu drama historico, *No tempo dos francêses*, e *A Condessa de Villar* uma deliciosa comedia, a que os jornaes do tempo se referiram com louvor, como, por exemplo, escrevia *O Portuguez* em seu n.º 4.799:

«*A Condessa de Villar*. E' este o titulo de uma mimosa comedia em tres actos, original do sr. Florencio J. L. Sarmento, já conhecido como auctor da comedia drama *No tempo dos francêses*, que tem, com razão, attrahido a concorrencia do publico ao theatro do Princepe Real, não só pelo merito da peça, como pelo desempenho artistico»

. . . .

«Os personagens da *Condessa de Villar* não são historicos, nem o assumpto o permittia: porem esta comedia pela sua linguagem tão portugueza, pela sua indole, e pela fina galanteria de algumas situações, é incontestavelmente um bello exemplar da epoca de D. João V. Que typo tão verdadeiro e bem delineado o do Morgado de Santa Olaia!»

E mais adianta acrescenta:

«*A Condessa de Villar* tem obtido o mais completo e lisongeiro exito; e merece-o: porque esta nova comedia do Sr. Sarmento, alem de ser um bom trabalho litterario, fez apreciar e sahir da obscuridade a sr.ª Margarida Clementina, talento nascente, e vocação genuina, que para ahi jazia ignorada e desconhecida.»

«*A Condessa de Villar* é, talvez, a primeira comedia portugueza do seu genero. O seu estylo correcto, sempre em relação aos personagens, tem o fino toque do bom portuguez. A linguagem apropriada á epoca, sem ser obseleta, não contem dicção alguma posterior ao tempo da acção. E' este tambem um dos meritos da comedia. O seu enredo representa nos as aventuras galantes a que dava logar a indole d'aquella época — um mixto de cortezia, de fanatismo e de devassidão. Emfim a *Condessa de Villar*, alem do seu merecimento litterario é uma comedia engraçada, moral, decente e inofensiva.»

Nós lêmos a peça e concordamos plenamente com a opinião do jornalista de ha quarenta annos, e podêmos asseverar que esta comedia seria hoje recebida pelo publico com o mesmo agrado com que foi recebida então, privilegio das obras de arte, que não se fazem velhas e antes servem de modelo ás obras modernas.

O tipo de Maria, Condessa de Vilar, menina instruida e boa, sebrinha de um embaixador português que a levou para França a ser ali educada e a viver na corte de Versalles, onde desenvolve as suas tendencias romanticas aos vinte annos, é muito bem deleniado; desenvolta, mas casta e gracioso, esta condessinha, revela o seu finissimo espirito, a um tempo caprichoso e cheio de bondade.

Voltando de França e achando-se no convento de Santa Clara de Coimbra, enamorou-se de um estudante da Universidade — Fernando — pobre, e que a condessinha sabendo da sua pobreza, procura socorrer, sem elle saber, como tambem só mais tarde sabe que é por ella amado.

Entretanto a familia da Condessa de Villar temlhe destinado seu casamento com um morgado, que, como quasi todos os morgados, é extravagante, e a condessinha, que mal o conhece, não o quer, porque o seu coração está preso por Fernando

Este enredo de amor dá logar ás peripecias mais imprevistas, consequencia da caprichosa fantasia da condessinha.

Fernando ama-a loucamente sem saber que ella é condessa, mas uma pobre menina que vive com sua mãe.

A condessa para se certificar bem de quanto Fernando a ama, disfarça-se em alferes da guarda real, e, vae á estalagem onde está Fernando e ali o encontra com o morgado de Santa Olaia, onde se dá a seguinte scena de todo o ponto imprevista e cheia de interesse e graça.

SCENA X

Os mesmos e Maria *entrando pela D.*

Maria. *(fingindo não reparar n'elles; decidida, batendo com o chicotinho sobre a mesa.)* Oh! de casa!... Venha gente!... Onde estará o demonio do estalajadeiro?... Quero jantar. Tenho dito!...

Morgado. *(para Fernando.)* Quem será este militar travesso?

Fernando. *(com surpreza para si.)* Meu Deus! Que semelhança!...

Maria. Desculpem, cavalheiros, não reparava. Tenho o habito d'estas maneiras um tanto bruscas, que me são proprias, como adquiridas na minha profissão, — na dura vida da guerra *(altiva.)* Meus senhores: eu sou D. Jorge d'Athaide, Alferes de uma das companhias da Guarde Real d'El-rei o senhor D. João, meu amo; e vou de caminho reunir-me á comitiva de Sua Alteza, o Principe, que anda caçando na Beira alta *(com palidez.)* Poderei agora obter a honra de saber o nome dos cavalheiros, a quem estou fallando?

Fernando. *(levantase.) (para si.)* Tão parecido!...

Morgado. *(levantase tambem: com orgulho.)* Eu... Sou o Morgado de Santa Olaia, Alcaide mór de Penacova, senhor dos Çoutos de Sandomil, Donatario e Padroeiro de Formosêlha — e tambem estudo em Coimbra, no Collegio das Artes.

Maria. *(para Fernando.)* E o seu nome, senhor estudante?

Fernando. *(modestamente.)* Chamo-me Fernando Telles.

Maria. Muito bem; folgo muito de encontrar tão boa companhia. Agora que já estão reciprocamente expostos os nossos nomes e qualidades; façâmos convivencia amigavel e jovial.

Morgado. *(rindo.)* De boa vontade *(para Fernando.)* Estou engraçando com elle...

Fernando. *(preoccupado) (para si) (olhando muito para Maria.)* São exactamente as feições de Maria!... Talvez seja seu parente.

Maria. Dou graças aos meus Deuses pela ventura, que tive em deparar com tão excellente sociedade... Somos dignos uns dos outros: um Morgado .. um Estudante.. e um Militar! — Mas os Morgados andam sempre *antecipados*, os Estudantes *sem real*, e os Militares *individados!*.. Porém, graças ao deus Pluto, hoje estou provido de dinheiro. Portanto, com a franqueza de soldado, vou já apresentar um plano, digno d'um general, e que honraria até o proprio Marquez de Marialva!... *(rindo-se.)*

Morgado. *(alegre)* Exponha o seu plano, senhor D. Jorge.

Maria Querem sabel-o? — E' mui simples: Nós vamos todos tres jantar alegremente de companhia, e eu. . pagarei só o jantar *(bate com o chicote sobre a meza.)* E' uma fantasia minha! Quero, e hei de pagar o jantar. Appareça alguem! São todos surdos n'esta casa!... *(batendo com o chicote na meza.)*

Morgado. *(chamando.)* Bernardo.

Bernardo. *(entrando do F.)* Meu senhor... *(O Morgado falla ao ouvido de Bernardo, que sae logo pelo F.)*

Maria. O estalajadeiro... é invisivel!

Morgado. *(ironico.)* Devagar, senhor D. Jorge!... não seja tão insoffrido!... O Morgado *antícipado*, não consente que *o rico* militar exerça uma generosidade com que *talvez* elle não possa!... Espero que o gentil official chegado da côrte, relevará este ligeiro quináu, dado por um pobre Morgado beirão! Já dei as minhas ordens para o nosso jantar... e eu sómente o pagarei *(Bernardo, e um creado, entrando pelo F., preparam a meza.)*

Fernando. Tu só Morgado?!... Eu não consinto. A nós ambos, que somos hospedes antigos d'estalagem, cumpre obsequiar o senhor alferes.

Maria. Pois não ha de ser tambem assim. Reprovo todos os alvitres apresentados; a sorte, *o dado* designará no fim do jantar, quem ha de cumprir a honra dos convivas.

Morgado. Bem pensado; seja: e quem perder, pagará o jantar!...

Bernardo. Meus cavalheiros, tudo está prompto. *(chega outra cadeira, e serve á meza, com o outro creado.)*

Morgado. A elle... ao jantar; *(senta-se.)* Agora meus senhores, recommendo liberdade e alegria.

Maria. Com mil granadas!... Estou no meu elemento! .. Comer, beber e folgar!...

Morgado *(rindo).* Viva a boa meza! *(para Maria).* Sim... rir e folgar deveria ser o moto do meu brasão!

Maria. E tambem do meu. Entendemo-nos perfeitamente, senhor Morgado!

Fernando *(sempre preoccupado (para si).* Que semelhança, meu Deus!... Este official é o vivo retrato de Maria!

Maria *(para Fernando).* Não falla, senhor estudante?!... E' muito taciturno!.. . Está tão melancholico!

Fernando. Eu, senhor D. Jorge?! Não . mas... estou realmente preoccupado; porque uma semelhança notavel... O senhor D. Jorge tem algum parentesco com uma menina, que vive em Lisboa, na Corredoura, ao pé do Convento de S. Domingos?

(2) Citada obra do Padre Antonio Franco.

(3) Tomo XI.

(4) No Livro das Rendas da Casa do noviciado aparece mencionada uma capéla, pertencente a Antonia da Silva, junto ao cruzeiro da cêrca dos jesuitas, — isto no anno de 1672 — Seria a mesma?

Maria. Uma menina, minha parenta... em Lisboa... na Corredoura!... Ah! .. sim.. uma pobre rapariga, que vive com a mãe. Bem sei, conheço-a muito bem. Com effeito é minha parenta, isto, é, por bastardia... é filha de um dos meus tios... cavalleiro de Malta.

Fernando. Então!... é sua prima! E' uma galante menina!

Maria. Galante!... Nem por isso!... Não é feia, simplesmente. Eu já tive uma vez o capricho de a querer galantear; porém ella recolnida no inexpugnavel castello da sua virtude desprezando o meu amor, repelliu sempre os meus intentos... Mas não importa, ella cederá; hei de possuil a, mais tarde ou mais cedo.

Fernando. Mas não lhe remorde a consciencia querer abusar assim d'uma menina honesta, que é sua parenta... que é sua prima .. Seria uma seducção atroz. .

Maria. Uma seducção atroz! *(rindo ás gargalhadas)*. Não ouve, Morgado?... O austero casuista chama-me seductor. *(repetindo as gargalhadas)*. Olhe que me está glorificando, senhor Telles! Seductor!... Esse nome longe de ser vituperio, é um cortez cumprimento que me dirige!

Fernando *(levanta se)*. Sim é uma indignidade, é uma infamia, que avilta um militar. . que o deshonra... e que não é de cavalheiro ..

Maria *(levanta se altiva)* Desculpo a affronta, senhor Estudante, porque percebo a sua pouca pratica do mundo. Parece dizer que não sou um cavalheiro?!... Não sou eu um homem, que sei vestir com elegancia; não tenho eu os ademanes proprios da boa cortezia? !.. Danço, jogo, e jogo tambem as armas; apresento me sempre composto e devoto nas capellas dos paços reaes; sou polido e urbano para com os cortezãos, ousado e galanteador para com as damas: finalmente sou, como deve ser um moço alferes da guarda real d'El-rei o senhor D. João, meu amo... Acha tudo isto ainda pouco, para que eu seja um completo cavalheiro?

Morgado *(rindo)*. Muito bem, senhor D. Jorge! *(apertando a mão de Maria)*. Bem fallado!. . Eu sou da sua opinião... pertenço tambem á sua escola.

Maria. Agradecido, Morgado. As ideias do estudante, são severas de mais... estão obsoletas, já não são do nosso tempo! *(para si)* Morgado libertino, eu já vou vingar me de ti!

Fernando *(para si)*. Infeliz Maria, quantos perigos a cercam em Lisboa!

Maria. Mas se por acaso não tenho proseguido nas minhas diligencias para obter a posse da tal virtuosa menina da Corredoura, é porque uma outra intriga amorosa actualmente muito me entretem.

Morgado *(rindo) (senta se)*. Vamos ouvir essa nova aventura.

Maria. Eu a vou contar. Haverá uns quinze dias, o Duque de Cadaval, deu um explendido sarau... magnifico, como costuma ser tudo em tão poderosa e opulenta casa. Fui convidado, e estive tambem n'aquella brilhante festa, e ali, entre muitas bellezas, vi uma que sobre todas me captivou. Era uma nobre dama, que esteve alguns annos em França e que ha pouco tempo appareceu na côrte... a Condessa de Villar!.

Morgado *(admirado.)* A Condessa de Villar!...

Maria. Sim: porque, conhece a, Morgado?

Morgado. Eu?!... *(dissimulando.)* Não, senhor... póde continuar.

Maria. Encontrei pois, n'aquelle sarau, a Condessa de Villar: e fiquei verdadeiramente enfeitiçado; porque um dos attributos da minha compleição é, quando vejo uma dama formosa, adoral-a logo. Porém a ingrata não me correspondeu, e até hoje tem recebido sempre com desdem os meus affectos .. mas espero ainda, e conto vêl-a por mim vencida.

Morgado *(com desprezo.)* Tem uma louca esperança!... Pois declaro-lhe que é muito vaidoso, senhor D. Jorge!

Maria. Eu! .. vaidoso!... Porque?

Morgado. Porque a Condessa de Villar terá bastante dignidade para saber desprezar as suas galanteadoras homenagens, por quanto essa nobre dama tem já o seu casamento contratado.

Maria. E que tem isso?... Por minha causa, e sem eu mesmo querer, se tem desfeito já alguns casamentos.

Morgado. Senhor D. Jorge, a Condessa de Villar... é... a .. minha desposada.

Maria. O senhor Morgado... noivo da Condessa de Villar! E' uma coincidencia extraordinaria!!... Pois ainda assim, senhor Morgado de Santa Olaia, magôa-me dizer-lhe: mas — esse seu casamento — não se effectuará.

Morgado *(admirado.)* Não se effectuará!... Porque?!

Maria. Porque eu não quero, porque é contra minha vontade.

Morgado *(sorrindo com desprezo.)* Então o senhor alferes oppõe se ao meu casamento! N'esse caso o gentil e *valente* militar declara-se abertamente meu rival!

Maria. Rival?!... Serei... sim; quero sêl o! *(tinindo com dinheiro.)* E agora vou apostar o amor da Condessa de Villar! Sou vaidoso? Tenho muita presumpção?! Pois bem, aposto vinte peças de ouro, que dentro de trez mezes, a Condessa de Villar, desprezando o senhor Morgado de Santa Olaia, casará com outro mancebo, mais do seu agrado, e da sua livre escolha! A sua mão, Morgado, a aposta está feita.

Morgado *(apertando a mão de Maria.)* Apostado, sim: mas aposto com escrupulo, porqne tenho a convicção de que as vinte peças serão por mim ganhas.

Maria. O futuro mostrará de que lado está a illusão. Fez-se a aposta; portanto não fallemos mais n'isso. Agora o nosso contracto *(tira uns dados do bolso.)* Vamos saber quem é o pagante do festim *(atira os dados para cima da mesa.)* Seis e quatro.

Morgado. Eu represento por mim, e pelo meu amigo Fernando Telles *(joga.)* Tres e cinco!... Perdi!... Pagamos o jantar!... Eu me entenderei com o estalajadeiro.

Maria. E retiro me, porque preciso descansar um pouco, para continuar a minha jornada. Adeus, meus senhores: agradeço a boa e agradavel companhia *(com ironia.)* Senhor Morgado, espero que em Lisboa nos encontraremos *(rindo.)* A côrte é um logar digno e proprio para a lucta de dois rivaes *(dando risadas.)* Entretanto, senhor Morgado de Santa Olaia... disponha-se para ir perdendo as esperenças de alcançar a mão da Condessa de Villar!.. *(sae dando grandes risadas.)*

Por esta scena se póde avaliar da graça e finura da comedia, cujo enredo, sempre imprevisto, é destinado a despertar o interesse do espectador.

A linguagem, como se vê, é primorosa no seu purismo, sem ser afectada, e antes naturalissima.

Emfim a *Condessa de Villar* é uma d'essas obras treatraes de todss os tempos, e que, no teatro portuguez, tem de ocupar o logar que lhe compete, como uma das suas melhores peças originaes.

C. A.

CURIOSIDADES

Como um dos fátores da altura de uma creança, parece ser a edade da mãe, importante é considerar.

Para a especie humana, quando a edade da mãe é de 16 a 19 annos, o comprimento medio do recem-nascido é de 49c De 20 a 24 annos, 49c,5 — De 25 a 29 annos, 49,9 — De 30 a 34 annos, 50,2 — de 35 a 47 annos, 50,3 — Nos povos onde as mulheres são numerosas e casam cedo ha tendencia para as creanças nascerem pequenas, o que dá origem a homens baixos — Estas indicações estão longe de terem valor absoluto, porque além d'este factor, ha tambem a atender, á raça, hereditariedade, á nutrição dos povos, posição social, constituição geologica do solo etc., fátores tambem importantes a considerar.

NECROLOGIA

Visconde de Villar d'Allen

Alfredo Allen visconde de Villar d'Allen, que a morte surprehendeu no dia 17 do corrente, era antigo membro da Sociedade Agricola e do Conselho de Agricultura do Porto; fundador da Sociedade do Palacio de Cristal de que foi presidente da direção; secretario e commissario em 1865 da Exposição Internacional Portuguêsa; antigo vereador da Camara Municipal do Porto; representou o governo português na convenção anti-filoxerica de Berne e commissario oficial no congresso de Bordeus em 1881; commissario português nas exposições de Vienna, 1874, Berlim, 1888 e Paris, 1889, sendo nesta ultima membro do grande juri internacional; ex-secretario do *Brazillian & Portuguese Bank*, no Porto; ex-presidente da commissão central anti-filoxerica do reino e ultimamente do norte de Portugal, e presidente honorario da mesma, por nomeação do ministro Antonio Augusto de Aguiar; presidente da commissão promotora do comercio de vinhos e azeites do distrito do Porto; fundador e colaborador de *O Agricultor do Norte de Portugal*; fundador, em 1866, do Orfeon do Palacio de Cristal, e escolas populares de musica; membro da commissão de cultura do tabaco no Douro; fundador e dirétor oficial da fabrica do Estado, de sulfureto de carbone da Serra do Pilar; premiado nas exposições do Rio de Janeiro de 1879 e na de Lisboa de 1884; oficial da Legião de Honra da França e da Belgica, do merito agricola e da instrução publica de França; premio de honra oferecido pela Associação Comercial do Porto, na exposição de vinhos de 1880; gerente tequenico e um dos fundadores da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal; socio fundador da Liga dos Lavradores do Douro, da Real Sociedade Humanitaria, da Sociedade Nacional Camoneana etc. etc., tal é, em resenha, a lista dos cargos e honras desse benemerito cidadão, cuja perda, muito especialmente, a capital do norte tem a lamentar.

Sobre a sua vida afanosa e prestante, recebemos do nosso bom amigo, sr. José Duarte de Oliveira, antigo redator do *Jornal de Horticultura Pratica*, que por tantos annos prestou altos serviços a agricultura portuguêsa, as seguintes notas, que põem em relevo a individualidade do ilustre extinto.

Uma alma diamantina, engastando um coração de ouro, tal era Alfredo Allen, o benemerito visconde de Villar d'Allen, cuja morte o Porto sentidamente deplora, e a agricultura nacional ainda mais, porque com o seu braço robusto e forte foi dos poucos que efficazmente cooperaram para o inicio do seu alevantamento e progresso.

Mau para si, e bom para os outros, deveria ser talvez esta a sua divisa.

Mas *tout passe* e elle, desde muito alquebrado, mais pelo trabalho de espirito do que pelos annos, afastára se do mundo, como o proprio mundo pouco a pouco se afastára d'elle, esquecendo-se do valor que tinha a sua obra iniciadora dos progressos da nossa terra, o grande aldeão de Garret, e da nossa industria mãe, que indubitavelmente é e será sempre a agricultura.

Palacio de Cristal, no Porto, fundação do Visconde de Villar d'Allen

Foi de certo a agricultura que mais o seduzira na mocidade e vendo então tudo através um prisma de côres fascinadoras, conhecendo que Portugal, por todas as suas condições de clima e de sólo, deveria ser um paiz sobretudo agricola, sentia agitar-se tristemente o seu espirito irrequieto ao vêr o atrazo em que jaziamos, comparado com o que havia visto no estrangeiro.

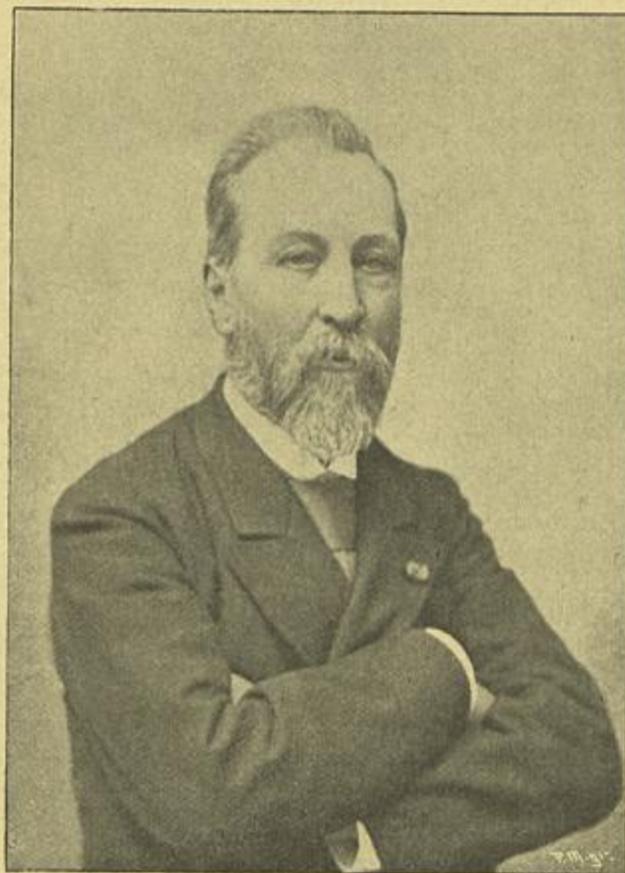
E eil-o ahi em campo, em 1857, como fervente apostolo do progresso agricola, e posto á frente de uma phalange composta de tres ou quatro excellentes camaradas, entre os quaes fulgia rutilante o nome de Roberto Van Zeller, organisando na Torre da Marca uma exposição agricola. Do successo d'essa festa, que D. Pedro V veio inaugurar, ainda nos restam umas vagas reminiscencias que os cincoenta annos decorridos não apagaram de todo da nossa memoria. Poucos se recordarão hoje d'essa festa agricola, precursora de outros torneios similhantes, mas talvez menos attractivos do que aquelle fôra para a época em que se realisára.

O programma organisado pela mão do mestre Alfredo, porque era dos raros que entendia do assumpto, attrahiu centenas de expositores.

Foi a primeira semente lançada á terra e tão fecunda era ella que, germinando bem, d'ahi é que data todo o progresso horticola e agricola do norte do paiz — perdão — deveriamos dizer de todo Portugal.

Oito annos depois, em 1865, fundava-se no mesmo logar — campo da Torre da Marca — o Palacio de Crystal Portuense. Um numeroso grupo de bons patriotas meteram hombros a essa grandiosa empreza; mas, quem estava manejando a obra atraz da cortina? Era o bom Alfredo; o Alfredo Allen. Todos pareciam mandar e dar ordens, mas é certo que havia apenas uma boa cabeça dirigente, que era a d'elle, pois que, tendo viajado e possuindo uma natural intuição para este genero de emprehendimentos, sabia sobejamente o que fazia.

VISCONDE DE VILLAR D'ALLEN

Construido o Palacio de Crystal, conhecendo-se então bem o seu valor e a sua força iniciadora, vimol o logo elevado a visconde e seguidamente eleito para membro da camara municipal portuense, e, tomando a seu cargo o pelouro dos jardins, soube em breve transformar pelo habil lapis de Emilio David, a Cordoaria n'um bellissimo jardim, todo moderno e cheio de arte, mas que, infelizmente, a curto trecho, entregue em mãos inhabeis e alheias á materia, foi pouco a pouco perdendo tudo quanto o seu auctor, sob o ponto de vista decorativo e esthetico, havia concebido.

Certo é, porém, que com a acquisição feita pelo visconde de Villar d'Allen de Emilio David, na Belgica, se crearam os jardins do Palacio de Crystal e da Cordoaria, verdadeiros modelos que foram da architectura paizagista e em cujas curvas suaves e effeitos de contraste entre o colorido da folhagem se deletreava talento e arte profissional.

Não nos demoremos.

Alfredo Allen era conhecido como viticultor distincto e como preparador de vinhos que conhecia a fundo a materia.

Assim, quando chegou a invasão phyloxerica, o seu nome estava naturalmente indicado para fazer parte das commissões de estudo que se crearam em 1880, e inutil será dizer que occupou desde logo a presidencia e que n'esse logar prestára os mais valiosos serviços ao Douro, que certamente lhe deve muito, embora esses serviços estejam desde muito ingratamente esquecidos.

Durante uns oito annos foi elle que activamente dirigiu a campanha phyloxerica, n'uma época em que reinava quasi que a mais completa obscuridade e em que todo o tempo se gastava em ensaios e planos de defeza infructiferos.

Quando se fundou a Companhia Vinicola de Portugal, entrou como director technico e o publico filicitou-se porque sabia os milagres que era capaz de realisar o visconde de Villar d'Allen, conhecendo todos os segredos da œnologia. Assim, do *Douro clarete*, que elle apresentara, ao iniciarem-se as primeiras vendas da Companhia Vinicola, ainda hoje todos fallam com saudade.

Que preciosidade, que delicioso vinho de mesa, reunindo todos os requisitos, que era esse *Douro clarete*; e, então, como que fazendo-se-lhe o maior de todos os elogios, dizia-se: — «Nem parece vinho de mesa portuguez!»

Espirito lucidissimo e possuindo vasta instrucção, experimentava, comtudo, difficuldade em escrever ou antes temia muito a critica, e d'ahi a abstenção de empunhar a penna para ensinar aos outros o muito que sabia de agricultura e especialmente de viticultura e de œnologia.

DUARTE DE OLIVEIRA.